

II Congresso Nacional Africanidades e Brasilidades

4 a 6 de agosto de 2014

Universidade Federal do Espírito Santo

GT 03 – Africanidades e Brasilidades em Direitos Humanos

Eu uso chapinha: o que há por trás disso?

¹Cleonice Perotoni

Resumo

Este estudo é um recorte da pesquisa do Curso de Especialização Relações Raciais e Educação na Sociedade Brasileira, ofertado pelo Núcleo de Estudo e Pesquisa sobre Relações Raciais e Educação/NEPRE, da Universidade Federal do Mato Grosso, tem por objetivo investigar como as jovens negras percebem o preconceito racial em relação ao cabelo crespo levando ao alisamento. A metodologia empregada teve uma abordagem qualitativa, realizada a partir de entrevista semiestruturada e embasada pela revisão bibliográfica. Os sujeitos da pesquisa foram jovens negras. Constataram-se neste estudo os impactos ocasionados pelo padrão de estética estabelecida pela sociedade e que levam a rejeição e autorrejeição de jovens negras no que tange ao cabelo crespo.

Palavras chave: Jovens negras, discriminação racial, Cabelos crespos.

Introdução

Este artigo é um recorte do Curso de Especialização Relações Raciais e Educação na Sociedade Brasileira, ofertado pelo Núcleo de Estudo e Pesquisa sobre Relações Raciais e Educação/NEPRE, da Universidade Federal do Mato

¹ Cleonice Perotoni - Mestranda no Grupo de Pesquisa Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Relações Raciais e Educação (NEPRE), da Linha de Pesquisa Movimentos Sociais, Política e Educação Popular.

Grosso. A pesquisa teve como objetivo investigar como as jovens alunas negras lidam com o preconceito, discriminação racial nos espaços escolares em relação ao cabelo crespo. Através deste estudo aponto algumas reflexões decorrentes à prática de preconceito e discriminação racial no ambiente escolar.

Nesse processo histórico e cultural brasileiro, as mulheres negras estabelecem sua corporeidade numa tensa movimentação de rejeição/aceitação, negação/afirmação do corpo. Sendo o cabelo um dos elementos mais visíveis e destacados e constitui-se uma simbologia que distingue de cultura para cultura. Em se tratando da estética, muitas jovens negras vêm sendo alvo de depreciação, principalmente por causa do cabelo, que de certa forma afeta sua autoestima.

Fatores como este, conseqüentemente são marcados pelos discursos elitistas sobre os negros na escola, isto é, nos remete às teorias raciais do final do século XIX pelos modelos de reflexão do século das luzes. Neste século, o discurso era marcado pela negatividade sobre o homem.

Como explica Ventura (1991).

[...] o branco parece ser, assim a cor primitiva da natureza, que o clima a alimentação e costumes alteram e mudam, até chegar ao amarelo, ao moreno e ao negro, que aparece em certas circunstâncias, mas com tal orientação, que não mais se parece com o branco primitivo, que foi na verdade desnaturado pelas causas que acabamos de indicar. (VENTURA, 1991).

No final do século XVIII e início do século XIX, a teoria da superioridade ariana era aceita pela elite intelectual brasileira como determinismo histórico, e todo pensador social brasileiro antes da década 30 aceitava tais teorias, em principio tentando apenas descobrir como aplicá-la à situação nacional, visto que a sociedade brasileira já era multirracional.

Tais teorias marcaram a vida da população negra, arraigando o preconceito, discriminação racial, que por sua vez ainda perpetua no imaginário social. Isto marcou o olhar do “outro”, ou seja, o branco europeu, de como vê o cabelo e a cor da pele das crianças, adolescentes jovens, negros nos espaços

escolares. Entretanto, é nesse contexto histórico, político social e cultural que as pessoas constroem suas identidades e, dentre elas, a identidade negra. Uma vez que a identidade é uma construção pessoal e social e é elaborada individual e em grupo.

Para efeito deste trabalho, para compreender a análise pretendida, busco inferir uma discussão sobre a distinção dos conceitos de raça, racismo, preconceito e discriminação racial, e como emergiram e foi disseminado nos diferentes espaços sociais e principalmente na escola, o que por sua vez, perpetuam na vida de crianças, jovens e adultos negros.

O termo raça, segundo Munanga (2003), veio do italiano *razza*, que, por sua vez deriva do latim *ratio*, designado, sorte, categoria, espécie, que no latim medieval indica descendência linhagem. O conceito de raça foi utilizado primeiramente na história das ciências sociais naturais (zoologia e botânica), como a finalidade de classificar as espécies de plantas e vegetais. Mais tarde, essas ideias foram transferidas para a classificação de seres humanos.

No século XVIII, a espécie humana foi categorizada em três raças: branca, negra e amarela. E, no século XIX, foram também consideradas critérios a forma do nariz, lábios e queixo e a hierarquização com base na raça esboçou o desenvolvimento de uma teoria do século XX, chamada de radiológica, sustentando o racismo doutrinário por mais de um século, baseando-se na crença de que haveria diferenças fenotípicas (VENTURI, BOKANY, 2005, p. 14).

Já o racismo é um comportamento, uma ação resultante da aversão em relação às pessoas que possuem um pertencimento racial no qual fatores observáveis como a cor da pele, ou tipo de cabelo, distinguem os componentes de um grupo dos demais e, por possuírem traços fenotípicos diferentes daqueles considerados superiores, são vítimas de preconceito e discriminação.

O preconceito racial, por sua vez, “[...] limita-se à construção de uma ideia negativa sobre alguém produzida a partir de uma comparação realizada com o padrão que é próprio àquele que julga” (JACCOURD e BEGHIN, 2002, p.38). Assim predispondo uma repulsão negativa em relação ao “outro” pela sua cor da pele.

O Racismo e preconceito racial são modos negativos de perceber pessoas ou grupos raciais que possuem fenótipos diferentes daquelas dos que se consideram “melhores” e “superiores”, tendo como marcas a cor da pele, o tipo de cabelo, o tipo de nariz, o tipo de lábios etc. Ressalta ainda que o racismo e o preconceito nem sempre têm explicações racionais e que são sentimentos construídos ao longo da vida, através do convívio com outras pessoas racistas e preconceituosas. Já a discriminação racial, destaca a autora, é uma ação, atitude ou manifestação contra uma pessoa ou grupo de pessoas em razão de sua raça ou “cor”, a qual culmina em prejuízo para essas pessoas. (MULLER, 2009, p. 16).

Ao longo da nossa sociedade, tanto o racismo, como a discriminação e o preconceito racial sempre estiveram presentes na vida da população negra, trazendo graves implicações em todos os setores sociais, encadeando em sérias desigualdades entre negros e brancos.

Para a realização deste estudo, procurou-se fazer mostrar as questões relativas às atitudes negativas em relação à cor de pele e textura do cabelo, traços marcantes de manifestação de preconceito e discriminação racial direcionada a crianças e jovens negras em nossa sociedade.

Em nosso país, a tarefa torna-se ainda mais complexa, pois se realiza na articulação entre classe, gênero e raça no contexto da controvérsia do racismo brasileira e da crescente desigualdade social, evidenciando imensas desigualdades sociais. Situações como estas são marcadas por tensão, conflitos, recai sobre a vida da população negra e marcam os percursos das jovens negras, em diferentes espaços sociais, propiciando à exclusão social.

O interesse em pesquisar sobre as jovens alunas negras em relação ao cabelo crespo, se deu pelo fato de observar que a busca pelo cabelo liso tem marcado a vida das jovens negras e o cabelo crespo tem expressado muitos conflitos raciais entre negros e brancos. Uma vez que a cobrança pela estética, principalmente com relação às mulheres negras, que se veem instigadas a mudar o visual para serem aceitas, ou seja, buscando o alisamento para aproximar do padrão instituído socialmente, impondo-nos que o cabelo crespo “ruim”.

Quando se referem ao cabelo do negro como “ruim”, como disse anteriormente, tal expressão denomina o preconceito e desigualdade racial que recai sobre esse sujeito, ou seja, essas jovens negras, arraigando a cultura do “cabelo bom” de tal forma que o ideal seria os cabelos longos e lisos.

Ocasionalmente, mudar o cabelo pode ser uma forma de sair do lugar da inferioridade, e ainda representar um sentimento de autonomia, expresso nas formas ousadas e criativas de usar o cabelo. A mulher negra se encontra sempre nas classes mais baixas, é sempre discriminada pela sua cor, pelo seu cabelo, que acaba despertando reações negativas. Segundo Gomes (2006), nesse processo histórico e cultural brasileiro, as mulheres negras estabelecem sua corporeidade numa tensa movimentação de rejeição/aceitação, negação/afirmação do corpo.

Sendo o cabelo um dos elementos mais visíveis e destacados do corpo, constitui-se uma simbologia que distingue de cultura para cultura. Em se tratando da estética, muitas jovens negras vêm sendo alvo de depreciação, principalmente por causa do cabelo, que de certa forma, afeta sua autoestima. Ainda a autora nos mostra nos a força do discurso sobre o negro e sobre a mulher em frases aparentemente inocentes e tão presentes no imaginário e nas práticas educativas da nossa escola.

Nesse sentido, nos instigou a buscar entender como as estudantes negras lidam com a discriminação em relação ao cabelo crespo e o que as levam a alisarem, uma vez que todas as alunas negras entrevistadas apresentavam cabelos crespos sob o processo de alisamento. Conforme Alexandre (2010) é dentro da escola, as formas de discriminação vão desde o currículo formal, que exclui a expressão cultural, transitando pela linguagem não verbal até comportamentos e práticas explícitas.

Costa (2005), ao discutir as percepções de alunos e professores acerca dos conteúdos de discriminação racial presentes em textos verbais e não verbais dos livros didáticos de Língua Portuguesa, constatou que os alunos percebem e reproduzem as situações de discriminação contra seus colegas. Isto é, separa os indivíduos em categorias aceitáveis e não aceitáveis socialmente, e sustenta a

forma peculiar do preconceito brasileiro, que o de marca e determinado pela tonalidade da pele e pelo nível socioeconômico.

Em suma, apresenta com muita intensidade na escola é a democracia racial, em termos bastante semelhantes àquela defendida pelo sociólogo Gilberto Freyre (1900-1987). Estereótipos, estigmas, são imputados aos indivíduos negros, que dificulta sua aceitação no cotidiano escolar, vida social como acontece com as jovens negras neste trabalho de pesquisa.

Procedimentos metodológicos

Como procedimento metodológico, fez-se opção pela pesquisa qualitativa. Para Minayo (2007, p. 21), a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa em trabalhar com o “universo dos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes”. A coleta dos dados foi feita a partir de entrevista semiestruturadas com seis jovens negras, estudantes do curso profissionalizante da Rede Pública Federal. As entrevistadas, sujeitos desta pesquisa estão na faixa etária entre 18 a 30 anos. A escolha da escola pesquisada se deu por apresentar considerável número de alunas negras, isto é, possuem o fenótipo característico da raça negra, e que apresentam preferência pelo alisamento dos cabelos crespos. Almejou-se nesta entrevista conseguir informações das jovens sobre sua percepção referente à discriminação racial no que tange aparência em relação aos cabelos crespos e os motivos que as levam a alisar seus cabelos.

Análise da pesquisa

Pretendeu-se também refletir sobre a relevância da escola estar estabelecendo em seu espaço, discussões sobre questões raciais, visando à construção da cidadania calcada no respeito às diferenças e a desconstrução de

ideias preconceituosas inculcadas secularmente em relação à população negra, uma vez que a educação é capaz de oferecer tanto aos jovens como aos adultos a possibilidade de questionar e desconstruir os mitos de superioridade e inferioridade entre grupos humanos.

Os estereótipos apresentados neste estudo foram espontaneamente expressados pelas jovens negras. No grupo das seis entrevistadas, a maioria revelou que não estão satisfeitas com seu tipo de cabelo. Neste trabalho, optou-se por reservar os nomes das entrevistadas utilizando-se letras.

Todas se auto-classificaram quanto à cor ou raça e também foram identificadas pela pesquisadora conforme classificação racial pelo IBGE.

Tabela 1 Autoclassificação em relação a sua cor.

| Entrevistada | Idade | Autoclassificação racial | Classificação racial da pesquisadora |
|--------------|-------|--------------------------|--------------------------------------|
| A | 30 | Parda | Preta |
| B | 28 | Morena | Preta |
| C | 26 | Parda | Preta |
| D | 29 | Morena | Preta |
| E | 19 | Morena | Preta |

PS : Classificação racial segundo IBGE (branca, preta, parda, amarela, indígena)

Diante da autodeclaração racial exposta, percebe que o processo de percepção de cor/raça pode estar atrelado ao processo de construção da identidade racial das jovens negras e atrelada na ideia do branqueamento, que ainda está fortemente presente na nossa sociedade.

Para recorte deste trabalho, elencamos uma questão norteadora, sendo ela: Se as jovens já sofreram algum tipo de discriminação racial na escola e as respostas das jovens foram as seguintes:

Sim, na escola pelos meus colegas e professoras, por causa da minha cor, sempre era tida que ser a negra da história a faxineira nas apresentações teatrais e gostava de usar batom vermelho e a

minha professora sempre dizia a neguinha do bico vermelho. **(aluna A)**

Com certeza, em lojas, uma vez eu me interessava num vestido que estava em uma vitrine e a vendedora disse que só tiraria de lá se eu tivesse dinheiro para comprar. Também em outro momento quando vim trabalhar em Lucas do Rio Verde, por ser da pele negra, ou seja, segundo os colegas, era trabalho de “cor”. **(aluna B)**.

Sim, pelo motivo de uma professora que eu estudava que não gostava de pretos. Sim, em uma sala de aula quando disseram palavrões, a professora achou que fosse eu, porque era a mais escura da sala. Depois das discussões ela confirmou que não gostava de preto e de pessoas morenas escuras, porque ela era loira. **(aluna C)**.

Sim, pela falta de mentalidade humana da sociedade, e eu estava uma circular com minha filha que era branquinha dos olhos azuis e me perguntaram se eu era a babá da menina, talvez pela forma inconsciente das pessoas com piadinhas e simples brincadeiras das pessoas com relação a minha cor e meu cabelo. **(aluna D)**.

Nos relatos, as jovens reconhecem a existência de discriminação racial nos diversos ambientes da vida social. Diante das denúncias dos insultos recebidos tanto na escola, no ambiente de trabalho como também nas relações sociais do dia-a-dia, elas demonstraram que essas atitudes negativas e ou palavras depreciativas as incomodam.

Diante de ideologias racistas, que instalou na sociedade como referência de beleza humana, visando à sustentação de superioridade de um grupo sobre o outro, remete ainda aos discursos estereotipados sobre a questão racial que acomete às mulheres dentro de um contexto social são marcados pela desigualdade de gênero, raça e classe.

Considerações Finais

O percurso histórico da mulher negra em nosso país foi constantemente marcado pelo racismo, preconceito e discriminação racial. Estudos e pesquisas vêm insistentemente mostrando que a mulher negra é desvalorizada em todos os

segmentos sociais, principalmente pelo seu fenótipo, a qual sua estética não corresponde aos padrões de beleza instituída pela sociedade brasileira.

Nessa perspectiva, é possível perceber que em uma sociedade em que as manifestações de racismo, discriminação e preconceito racial estão presentes nas relações cotidianas, as mulheres negras sempre estão ocupando posição inferior em relação às mulheres brancas, e são obrigadas a criar o tempo todo estratégias de superação para esses entraves.

Constatou-se neste estudo que elemento como cabelo constitui-se marca de sofrimento que acompanham jovens e mulheres negras, e que muitas vezes para se enquadrarem a um padrão de estética aceitável, optam pela mudança de aparência. Revelou que as jovens ao vivenciar a discriminação racial, principalmente em relação aos cabelos crespos, recebem tratamento diferenciado nos espaços sociais, que automaticamente buscam várias maneiras para serem aceitas na sociedade, podendo até negar o seu grupo de pertencimento e os impactos gerados pela discriminação racial na vida dessas jovens compromete sua autoestima e implica na sua autoaceitação.

Os depoimentos revelam que as jovens negras percebem a discriminação no cotidiano da sua vida social, principalmente na escola e tentam superar. Pensar sobre esses resultados revela a grandeza da instituição escolar na construção de identidades. Nesse sentido, é relevante que os profissionais da educação fomentem discussões sobre essa questão em sala de aula, estabeleçam diálogos no intuito de contribuir na desconstrução de ideologias racistas, propiciando a valorização de jovens negras, para que possam vivenciar outra realidade social, baseada no respeito e na equidade, uma vez que vivemos em um país onde as linhas de Cor separam brancos e pretos, atingidos através de atitudes desfavoráveis.

Referenciais bibliográficas

ALEXANDRE, Ivone de Jesus. **Relações raciais: um estudo com alunos, pais e professores.** (Coleção Educação e Relações Raciais, 15. Cuiabá: EdUFMT, 2010.

CAVALHEIRO, Eliane. **Do Silêncio escolar ao silêncio do lar: racismo, preconceito e discriminação na Educação Infantil.** São Paulo: Contexto, 2000.

COSTA, Cândida Soares. **O livro didático no contexto escolar.** In MULLER, Maria Lucia Rodrigues (Org). Cadernos NEPRE. Cuiabá: EduUFMT, n.01, jan-jun 2005,p. 75-82.

GOMES, Nilma Lino. **Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. Educação e Pesquisa,** São Paulo, v.29, n.1, p.171 -179 jan/jun. 2005.

_____. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra.** Belo Horizonte, Autêntica, 2006.

JACCOUD, Luciana Barros e BEGHIN, Nathalie. **Desigualdades Raciais no Brasil: um balanço da intervenção governamental.** Tradução Luciana de Barros Jaccoud e Nathaile Beghin. Brasília: IPEA, 2002.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis: Vozes, 2007.

MULLER, Maria Lúcia Rodrigues (org). **O negro na História.** Coleção Trabalhando as diferenças em Mato Grosso. Cuiabá: EdUFMT, 2006 , vol.2.

_____, Educação e Diferenças: os desafios da Lei 10.639/03. [et al.] – Cuiabá: EdUFMT, 2009. p 16.

MUNANGA, Kabengele. **Superando o racismo na escola.** 2ª edição revisada- [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2008.

OLIVEIRA, Iolanda. **Desigualdades Raciais: construções da infância e da juventude.** Niterói: Intertexto, 1999.

SANTOS, Ângela Maria dos. **Vozes e silêncio do cotidiano escolar** – as relações raciais entre alunos negros e não-negros. Coleção Educação e Relações Raciais, 4 – Cuiabá: EdUFMT, 2007.

SKIDMORE, Thomas E. **Preto no Branca Raça e Nacionalidade no Pensamento Brasileiro** São Paulo, Ed. Paz e Terra, 1976.

VENTURI, G; BOKANY, V. **Pesquisando discriminação institucional e identidade racial considerações metodológicas.** In: SANTOS, G.SILVA, M.P. (Org.) **Racismo no Brasil: percepções da discriminação racial no século XXI.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.